



የኢትዮጵያ ኦርቶዶክስ ተዋሕዶ ቤተ ክርስቲያን ሃይማኖትና ሥርዓት

The Ethiopian Orthodox Tewahedo Church Faith and Order

**The Fourth Sunday of Zemene Asterio** (*The Season of Manifestation (Theophany)*)

**Liturgical Readings:**

**1 Cor. 2: 1—end; 1John 5: 1 - 6; Acts 5: 34 —end**

**Ps. 5: 2—3**

**John 9: 1—end**

**The Anaphora of Our Lord**

«Senhor, eu creio» (João 9,38)

Amados em Cristo, o Evangelho segundo São João, capítulo nove, apresenta-nos não apenas um milagre de restauração da visão, mas a revelação da fé nascida através do sofrimento, da obediência e do encontro divino. O clamor do homem que antes era cego — «Senhor, eu creio» — não se pronuncia no momento em que os seus olhos se abrem, mas quando o seu coração é iluminado. Esta confissão encontra-se no centro da proclamação da Igreja, pois a verdadeira visão não consiste apenas em ver a luz, mas em reconhecer a Luz do mundo.

O homem é cego de nascença, não por acaso nem como castigo, mas para que «as obras de Deus se manifestassem nele». Desde o princípio das Escrituras, Deus se revela como Aquele que faz surgir ordem do caos e luz das trevas. Assim como a criação esperava a iluminação, este homem permanece na escuridão até que a Palavra fale. Na teologia da Igreja Ortodoxa Etíope, a cegueira simboliza não apenas a aflição física, mas a condição caída da humanidade em espera de restauração. Como clama o Salmista: «Atenta para as minhas palavras, Senhor... de manhã apresento a ti o meu pedido e aguardo com atenção» (Salmo 5,2–3). O cego espera, ainda sem saber a quem espera.

A ação do Senhor é profundamente sacramental: unge-lhe os olhos com barro e manda-lhe lavar-se na piscina de Siloé. Isto lembra o mistério da criação, quando Deus formou o homem do pó da terra. Também prefigura a compreensão da Igreja sobre o baptismo e a cura: a obediência precede a compreensão. O homem vai, lava-se e regressa vendo. No entanto, o milagre mais profundo apenas começa. A visão não lhe traz consolo, mas conflito. Aqueles que afirmam ver — os fariseus — mostram-se cegos, enquanto aquele que antes nada via caminha firmemente na fé.

Aqui ressoa o ensino apostólico: «A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas numa demonstração do Espírito e de poder» (1 Coríntios 2,1–fim). O homem curado não é erudito; a sua teologia é simples e destemida: «Uma coisa sei: era cego, e agora vejo». Esta é a força do testemunho vivido, uma verdade que a Igreja Etíope sempre preservou — a fé confessa-se não apenas com palavras, mas com o testemunho da vida. Como escreve São João: «Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé» (1 João 5,1–6).

O interrogatório intensifica-se. A autoridade religiosa resiste à verdade divina quando esta ameaça as certezas estabelecidas. Mas mesmo no conselho, Deus suscita vozes de discernimento, como nos dias dos Apóstolos, quando Gamaliel advertiu: «Se esta obra é dos homens, desfará-se; mas se é de Deus, não a podereis impedir» (Atos 5,34–fim). Assim também aqui: a obra de Cristo não pode ser anulada pela incredulidade. O homem é expulso, mas ao ser rejeitado pela sinagoga, é acolhido pelo Filho do Homem.

Este momento marca o ponto de viragem do Evangelho. Jesus procura o homem — uma imagem profunda da misericórdia divina. A fé não é apenas o resultado da busca humana; é Deus que procura o crente. Quando Cristo pergunta: «Crês no Filho do Homem?», o homem responde com humildade: «Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?» A revelação segue a relação: «Tu o viste, e ele fala contigo». Então surge a confissão que coroará o Evangelho: «Senhor, eu creio». E ele o adora.

Esta confissão ecoa por toda a história da salvação. Quando o Templo foi destruído, Cristo falou de uma realidade superior: «Destruí este templo, e em três dias o levantarei» (João 2,19–22). O verdadeiro templo é o seu Corpo, e os que creem tornam-se pedras vivas nele. O homem antes cego, outrora excluído, encontra-se agora dentro deste templo vivo, vendo não apenas com os olhos, mas com a fé.

Da perspectiva da teologia etíope-ortodoxa, este Evangelho proclama que a fé amadurece através da obediência, da perseverança e da proclamação destemida da verdade. O homem não compreende plenamente Cristo no início, mas obedece à Sua palavra. É interrogado, ridicularizado e expulso, mas não nega o que Deus fez. O seu caminho reflete o da própria Igreja — muitas vezes rejeitada, mas sempre vendo; muitas vezes perseguida, mas nunca cega.

Amados, este Evangelho confronta-nos com uma pergunta incontornável: Vemos verdadeiramente ou apenas fingimos ver? Cristo declara: «Vim a este mundo para juízo, para que os cegos vejam e os que veem se tornem cegos». A verdadeira visão requer humildade. Requer a coragem de dizer, como o homem curado e como a Igreja de todos os tempos: «Senhor, eu creio».

Que a nossa oração se eleve a cada manhã como incenso, conforme ensina o Salmista, e que a nossa fé não se apoie na sabedoria humana, mas no poder de Deus. Que nós, outrora cegos de coração ou de mente, sejamos iluminados por Cristo, Luz da Luz, e o confessemos não apenas com os lábios, mas com toda a nossa vida. E tendo-o visto, que o adoremos — para a glória de Deus Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Amém.